

## **Léxico e cultura: entrevista com Francelino Wilson**

Lexicon and culture: interview with Francelino Wilson

**Francelino Wilson**

Universidade Púnguè – Chimoio, Moçambique

<https://orcid.org/0000-0003-3941-9928>

[fradwilson2@gmail.com](mailto:fradwilson2@gmail.com)

**Davi Albuquerque**

NELIM / UFG

<https://orcid.org/0000-0002-1941-6925>

[albuquerque07@gmail.com](mailto:albuquerque07@gmail.com)

Francelino Wilson nasceu na cidade de Lichinga, capital da província de Niassa, Moçambique. Suas primeiras experiências relacionadas às letras foram nas áreas de jornalismo e em seu trabalho como bibliotecário, sendo elas entre os anos de 2004 e 2007.

Ele também se interessa pela Literatura, sendo autor do romance *Nykonkwe – a reforma da prostituta* (AEMO, 2010), sua obra literária de estreia, bem como tem vários contos publicados em diferentes antologias de ficção. Mantém-se ativo e engajado na escrita literária, fazendo parte da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO) e do Clube de Escritores e Poetas Amigos do Niassa.

Como professor e pesquisador nas áreas de Linguística e ensino de Português, ele tem interesse no português vernáculo de Moçambique, nas línguas locais de seu país e em Fonologia. É doutorando na Universidade do Porto (Portugal) e realizou seu mestrado na mesma instituição, com a dissertação *Análise Autossegmental de Obstruintes no Português do Norte de Moçambique: um modelo de oposições privativas [+ - voz]*.

Recentemente, foi notícia nos meios acadêmicos lusófonos ao ser o ganhador do *I Concurso IILP-Itamaraty de Artigos Científicos sobre a Língua Portuguesa*, com o artigo intitulado *Pedagogia do léxico: variedades não europeias como recurso para o ensino e aprendizagem de português/L2 em Moçambique*, publicado na revista *Platô* do IILP, em 2021.

**Davi Albuquerque:** Prezado prof. Francelino, primeiramente, quero agradecê-lo por aceitar esta entrevista e parabenizá-lo por seu prêmio no *1º Concurso IILP/Itamaraty de Artigos Científicos sobre a Língua Portuguesa*, na categoria pós-graduação, com o texto intitulado *Pedagogia do léxico: variedades não-europeias como recurso para o ensino e aprendizagem de português/L2 em Moçambique*. Na publicação, além de apontar características da variação lexical do Português de Moçambique (PM), o prof. também menciona aspectos da variação fonético-fonológica. Como o sr. avalia a importância de se abordar em sala de aula (ou conhecer) tal variação e como ela pode ajudar o trabalho do professor de Português Língua Não Materna (PLNM) e/ou o trabalho do aprendiz?

**Francelino Wilson:** Honra-me imenso a entrevista que me concedem neste número da REPLI. E, nisto, quem tem a agradecer sou eu.

A língua, qualquer que seja, não é falada da mesma forma nos diferentes espaços, circunstâncias, falantes, tempos. E a isso se designa variação. Numa comunidade linguística tão dispersa e vasta como a portuguesa (no sentido de falantes do português), essa variação é muito mais notória e saliente quanto mais circulamos pelos países onde a língua é falada. Paradoxalmente, apenas duas variedades (de Portugal e do Brasil) têm reconhecimento nos espaços formais, particularmente na escola. Isso faz vista grossa às outras formas de realização dessa língua. Ou seja, joga-se fora as outras variedades, que são vedadas ao acesso à sala de aula. Recuperar esses dialetos que são jogados fora, por via da escola, é, na minha opinião, resgatar um conjunto de conhecimentos, práticas, valores, saberes, vocábulos e culturas dessas comunidades. E, quanto a mim, esse é o papel da escola. Daí a sua importância, tanto para o professor de PLNM, quanto para os seus aprendizes que têm, por essa via, a possibilidade de conhecer a língua na sua plenitude.

**Davi Albuquerque:** Ainda sobre a questão fonética-fonologia, o prof. Francelino está fazendo uma investigação de doutorado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), com a tese intitulada *Empréstimos nominais do português no emakhuwa*. De que maneira o sr. considera que um conhecimento linguístico do léxico, bem como da gramática das línguas locais, pode contribuir para melhorar o ensino de PLNM?

**Francelino Wilson:** Tive o privilégio de estudar uma característica peculiar do português do Norte de Moçambique quando do meu Mestrado: o desvozeamento de obstruintes. Trata-se de um fenômeno linguístico em parte resultante da influência das línguas locais do Norte de Moçambique, particularmente do emakhuwa, no português. Agora tenho a oportunidade de aprofundar parte desse

estudo, i.e., entender melhor fenômenos relacionados com o contato de línguas no Norte de Moçambique; como você disse, empréstimos nominais do português no emakhuwa.

Entendo que a gramática das línguas locais, muitas vezes L1 das crianças em Moçambique (e noutros países multilíngues), tem um papel de relevo na aprendizagem das línguas que se seguem à materna. Alguma teoria considera essa gramática uma espécie de tapete por onde as outras línguas poderão rolar, no sentido em que essa gramática “inicial” serve de referência da criança para todo o aprendizado linguístico posterior. As estratégias de aprendizagem da criança terão muito em conta esse conhecimento adquirido de forma intuitiva, daí a importância que se dá para o ensino de PLN. A Professora Isabel Duarte, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Portugal, defende a necessidade do ensino das variedades normalizadas do português em aulas de português língua estrangeira (PLE) como forma de permitir o acesso a esses “mundos” da língua cada vez mais pluricêntrica que o português é. Com isso, a proposta da valorização do conhecimento lexical da língua que as diferentes comunidades de falantes do português têm, nas variedades normalizadas ou não, não é puramente minha. Aliás, acho um direito que os falantes têm e que não se deve lhes vedar o acesso.

**Davi Albuquerque:** Em seu artigo supracitado, o prof. Francelino também argumenta que certas estruturas da variação fonético-fonológica e lexical do PM têm origem devido à influência das línguas bantu, mas que, mesmo assim, o preconceito linguístico contra tais formas permanece na sociedade moçambicana. O sr. pode falar mais a respeito de como esse preconceito ocorre no dia a dia e quais são possíveis maneiras de combatê-lo?

**Francelino Wilson:** Infelizmente, o preconceito é uma prática que resvala para aspectos sociolinguísticos, não só em Moçambique, mas em muitas partes do globo. Algumas faces desse mal são visíveis onde não deviam nunca estar, isto é, no setor de trabalho e na escola. Numa entrevista de emprego, quanto mais central for a variante do falante, mais chances tem de ser aceito. Isso acontece não só em Lichinga, mas no Porto, como em Campinas. E, que eu saiba, não está atestado que falantes de variantes não normalizadas são menos capazes de dirigir um ônibus, chapa ou autocarro em qualquer desses pontos. Como eu demonstro no artigo que fez referência, as redes sociais são usadas, na atualidade, para ampliar essa realidade.

**Davi Albuquerque:** Os estudos linguísticos sobre variedades não europeias (VNE) do Português, bem como de outras línguas de origem europeia em contexto pós-colonial, e de variedades não dominantes, ainda se encontram em estágio inicial, apesar de grandes avanços, resultados e publicações significativas. O sr. considera válida a inserção do estudo de VNE em contexto escolar em Moçambique? E em outros países lusófonos? Na falta de pesquisa e de materiais, isso não pode ser considerado precipitado ou até mesmo algo que confundirá professor e alunos?

**Francelino Wilson:** O artigo que temos vindo a citar gira a volta das VNE do português. A sua premiação, no meu entender, prova a valia que esse tipo de estudo tem. Aliás, eu não sou primeiro e nem único, como você disse, a discutir estas variedades no contexto escolar. O Professor João Veloso, da Universidade do Porto, por exemplo, publicou um trabalho, em 2007, sobre a *Varição dialetal e socioletal na aula de Português Língua Materna*, em que mostra o preconceito de crianças portuguesas sobre as variedades do português. Isso é resultado de um ensino centralizado da língua. Sobre os materiais e estudos, esses virão assim que a escola abrir as portas para essas variedades. Outrossim, confusão é continuar a barrar essas formas de falar, ricas e multicolores, da entrada na sala de aula. Reconhecer que nalguma parte do mundo se diz ‘toca-toca’, ‘ônibus’ ou ‘chapa’ não confunde ninguém que se faz transportar de ‘autocarro’; pelo contrário, enriquece a sua visão de mundo.

**Davi Albuquerque:** Em sua proposta, o prof. Francelino aborda o ensino contrastivo do léxico para trazer ao aprendiz as diferentes variedades do português (ex. um mesmo significado apresenta diferentes significantes nos países lusófonos e todos seriam apresentados ao estudante). O sr. considera que isso funcionaria em qualquer situação de ensino de PLN? Ou somente para o Português como L2?

**Francelino Wilson:** Não somente em situação de português/L2, caso do estudo que refere. A Professora Isabel Duarte tem uma proposta similar em contexto de língua estrangeira/PLE, como terei dito há momentos. No caso, os aprendentes de PLN, quando introduzidos no mundo da língua somente pela variante de referência, têm uma visão parcial da língua, desajustada aos outros contextos em que a mesma é falada na sua pluricentricidade. Para outras situações de ensino de PLN a que não faço referência, são necessários estudos. E por isso mesmo acho muito rica e interessante a possibilidade de se estudar as variedades do português.

**Davi Albuquerque:** Em relação à pergunta anterior, estou pensando no ensino de Português Língua Estrangeira. Na situação de um aluno estrangeiro que não tem interesse em se aprofundar no estudo dessa língua, apenas de ter um curso básico/ introdutório para saber um pouco sobre o português ou como uma exigência de créditos para uma instituição universitária. O sr. acha que o ensino contrastivo do léxico funcionaria para um aprendiz que não conhece o português e está a iniciar seus estudos? Isso não poderia causar uma certa confusão no aluno, expô-lo à variação e a um amplo vocabulário logo no início?

**Francelino Wilson:** Pelo contrário. O ensino contrastivo do português, como sugiro, permitirá uma maior aproximação entre o que se ensina na sala de aula e o que se diz fora da sala de aula. Se não, vejamos: se esse aluno de PLE estiver em formação na Universidade Eduardo Mondlane, no Maputo, e falar-lhe em ‘autocarro’, se calhar faça pouco sentido, em relação a ‘chapa’, porque é nessa segunda variante que a comunidade a sua volta se comunica.

**Davi Albuquerque:** Como professor de PLNM, considero o trabalho do Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP) uma contribuição sem igual, principalmente com o Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa (VOC) e Portal do Professor de Português Língua Estrangeira/Língua Não Materna (PPPLE). Em meu artigo *O Vocabulário Ortográfico Comum (VOC) e sua contribuição para o ensino de PLE* (neste volume) levanto uma discussão das possibilidades de uso do VOC na sala de aula de PLNM para aprendizes avançados e dou alguns exemplos de técnicas de ensino que podem ser utilizadas na sala de aula. O prof. Francelino também avalia essa ferramenta como boa para o ensino, mas não para os anos iniciais e propõe em seu artigo a criação de um ‘vocabulário compartilhado’. O sr. poderia falar mais a respeito de como seria o processo de elaboração, qual a estrutura e como esse vocabulário seria utilizado no ensino?

**Francelino Wilson:** Não se trata de uma cartilha a ser elaborada e estudada de cor e salteado. A proposta que avancei dá um passo naquilo que pode ser seguido pelos professores de PLNM, nos contextos em que se encontram inseridos e, se calhar, melhorado.

Em colaboração com os alunos, os professores têm a oportunidade de ir anotando as diferentes possibilidades de se referir a um mesmo significante e, com isso, expandir cada vez mais o leque de opções vocabulares. Nos casos em que certa expressão se torna recorrente, ela entra para o vocabulário compartilhado da língua, com chances de ser replicada em outras comunidades em que a língua é falada. Parece muito motivador para o aluno e demonstra o quão a língua portuguesa é viva e está presente no dia-a-dia das comunidades.

**Davi Albuquerque:** A partir de sua investigação e experiência, como o prof. Francelino explicaria as diferenças entre o ‘vocabulário compartilhado’ e o dicionário escolar ou de língua estrangeira?

**Francelino Wilson:** Em relação a um dicionário comum, o que ousamos chamar ‘vocabulário compartilhado’ tem a peculiaridade de ser mais ajustado ao que realmente se diz hoje e acompanhar a toponímia da língua (e.g., me referi, vezes sem conta, ao conjunto ‘autocarro’, ‘chapa’, ‘toca-toca’, ‘candongueiro’ que, no fim-do-dia, se refere ao mesmo objeto, em contextos geográficos distintos), ao passo que um dicionário comum traz até expressões que caíram em desuso ou se mostram desajustadas à determinada comunidade linguística. A grande vantagem dessa lista de palavras está em aceitar, em meios formais, expressões de domínios informais que perfazem o dia-a-dia dos falantes. A respeito, o Professor Bento Siteo, da Universidade Eduardo Mondlane, argumenta sobre o fato de o português estar a se deslocar do formal para o informal, pelo menos em Moçambique. Fascina-me essa constatação e, que eu me lembre, retomei essa discussão na Conferência Internacional Horizontes do Português com a comunicação *O português em Moçambique: do barco ao bumbanengue*.

**Davi Albuquerque:** E quais as diferenças em sala de aula de PLNM do trabalho com o vocabulário e com o dicionário?

**Francelino Wilson:** Eu penso que um se complementa no outro. Ou seja, o vocabulário vai enriquecer o dicionário e vice-versa.

Lembro de ter dado, há um tempo atrás, uma comunicação subordinada ao tema do enriquecimento vocabular. Na ocasião, falei do jornal como recurso para o enriquecimento vocabular. Creio que o exercício conjunto com os alunos na construção do vocabulário compartilhado também responde a esse fim.

**Davi Albuquerque:** Retomando a temática das línguas locais, bem como a da relação intrínseca entre léxico e cultura, quais contribuições um conhecimento de aspectos lexicais e culturais das línguas bantu pode oferecer ao processo de ensino-aprendizagem de PLNM?

**Francelino Wilson:** Em Moçambique, o grosso da população tem o português como língua não materna, o que significa que teve que aprender essa língua na escola, de amigos, do meio social em que vive ou de alguma outra fonte. Também significa que essas pessoas estão constantemente a

traduzir significados da sua L1 para o português, sempre que sujeitos a falar essa língua, para si, muitas vezes, impositiva.

Daí que, penso, o conhecimento da L1, quase sempre uma língua bantu, é a porta de acesso a outros mundos, outras línguas, outros significados para essas pessoas. A língua materna, já me referi a isso, funciona como uma espécie de tapete/base para todas as outras línguas que forem adquiridas/aprendidas a posterior, quer seja o português, inglês, francês, mandarim, já que essas línguas todas são hoje ensinadas em Moçambique, até pelo peso que elas têm na economia global.

**Davi Albuquerque: Pensando nos demais países lusófonos que também apresentam um cenário de convivência entre línguas locais e o português (como Angola, Guiné-Bissau, Timor-Leste), o sr. também afirmaria que um conhecimento da carga cultural compartilhada nas unidades lexicais dessas línguas pode contribuir no trabalho do professor e/ou desenvolver habilidades no aprendiz de PLNM? De que maneira?**

**Francelino Wilson:** Há um aspecto a que não me referi ainda. As línguas autóctones desses países têm uma presença significativa no português neles falado e, do lado contrário, idem. Trata-se de línguas que comunicam entre si, emprestam-se materiais e constroem-se mutuamente. O kimbundo é disso exemplo, em Angola, o tetum, em Timor-Leste e por aí vai. O conhecimento dessas realidades é fundamental ao professor de PLNM, até para compreender as interferências linguísticas, as nuances fonético-fonológicas dos aprendentes do português destes quadrantes.

Tenho vindo a estudar palavras que migraram do português para o emakhuwa, a língua mais falada em Moçambique. É curioso notar como esse estudo irá contribuir para o conhecimento e compreensão da língua de chegada, quiçá construir a gramática comparada dessas línguas. É tudo isso que se ganha nessas trocas lexicais e culturais entre os povos.

**Davi Albuquerque: Além do dicionário, dos manuais escolares e da proposta de vocabulário citada, as novas tecnologias (internet, smartphones, dicionários eletrônicos, videoaulas etc.) estão disponíveis como técnicas e ferramentas importantes de ensino, e seus potenciais são ricos para a aplicação no ensino de língua estrangeira, porém tais tecnologias não são acessíveis a todo momento aos professores, aprendizes e instituições de ensino. Como o sr. avalia o acesso a essas tecnologias no ensino em Moçambique e nos demais países lusófonos que o prof. Francelino conhece?**

**Francelino Wilson:** Estudos desenvolvidos e a experiência que tenho demonstram que o acesso à internet é desproporcional na CPLP. No caso de Moçambique, o acesso a internet é caríssimo ao professor, muito mais ainda ao aluno. As Universidades que têm a obrigação de massificar esse recurso, se o fazem, é numa banda menor e que não satisfaz os interesses dos utentes. Começa a haver algumas praças públicas com pontos de acesso wifi, mas para fins de entretenimento e não na seriedade que o assunto merece. Falo de internet como um ponto de referência. Podia falar dos smartphones, computadores, videoaulas, etc. que a pandemia da COVID-19 deixou a nu. Naquele artigo que fora premiado, cito um trabalho do Professor Gabriel Antunes de Araujo, da USP, em que se faz menção às dificuldades econômicas, de produção de alimentos, de acesso à alimentação e o impacto que isso tem na produção do manual escolar em São Tomé e Príncipe. Infelizmente, grande parte dos governos africanos (e de Timor-Leste) têm de fazer essa equação, entre pôr pão na mesa da sua população (que muitas vezes não chega) e imprimir mais um livro para as crianças.

**Davi Albuquerque:** E como o sr. utiliza-as em suas aulas?

**Francelino Wilson:** A medida das possibilidades. Gostaria de ter uma sala de aulas com datashow e internet. Muitas vezes não tenho isso e sou forçado a recorrer a meios alternativos.

**Davi Albuquerque:** O sr. considera que as novas tecnologias têm um impacto melhor no desenvolvimento das competências e habilidades linguísticas dos aprendizes de PLNМ quando comparadas com as mais tradicionais (o quadro, os manuais impressos, a aula presencial, etc.)? Por exemplo, o uso de dicionários escolares impressos e a consulta a dicionários online.

**Francelino Wilson:** Não! É uma comparação desnecessária, quanto a mim. Trata-se de acesso a esses meios e não necessariamente de uns serem melhores que os outros. Como se diz na gíria, cada um faz omelete com os ovos que tem. Eu mesmo usei muito os dicionários impressos, muitos deles de bolso, numa altura em que não sabia o que era internet e nem sequer tinha acesso a um telemóvel. Hoje não uso mais esse tipo de materiais, é-me mais fácil consultar dicionários online, que são menos pesados e fáceis de levar comigo para onde quer que vá. Isso não quer dizer que uns são melhores que os outros, é uma questão de preferência e acesso.

**Davi Albuquerque:** Especificamente sobre o ensino de vocabulário e das relações entre léxico e cultura, o prof. Francelino acha que as novas tecnologias têm mais a oferecer? Ou que os alunos beneficiar-se-ão mais com o professor de PLNМ fazendo uso de diferentes técnicas de ensino e não beneficiando apenas uma delas?

**Francelino Wilson:** Sim! Proferi recentemente uma comunicação subordinada ao tema *O jornal como recurso didático-pedagógico de aquisição e ampliação do capital lexical* a estudantes da Universidade de Cabo Verde na qual partilhei uma experiência que demonstra como as novas tecnologias (imprensa/jornal, blog, rádio escola, etc.) podem ser determinantes e complementares da aula tradicional para enriquecer o vocabulário do aprendente de PLN. No caso, com a experiência que partilhei (e espero disponibilizar em jeito de artigo, muito em breve), cheguei as seguintes conclusões: *a.* a “oficina” jornalística é um recurso poderoso de aquisição e ampliação lexical, formação de leitores e autores; *b.* pode ser, igualmente, uma extensão da sala de aulas para as atividades de ensino-aprendizagem do léxico e de outras habilidades da disciplina de português; e *c.* há necessidade de criação de oficinas de produção de materiais, em atividades extracurriculares, no ensino do português no ensino secundário.

**Davi Albuquerque:** Agradeço mais uma vez ao prof. Francelino Wilson pela entrevista e pelas respostas instigantes que, tenho certeza, têm muito a contribuir para a comunidade académica, bem como ao trabalho dos professores de PLN. Tenha um bom dia. Até mais.